

Tragédias e Mortes no Jornal Nacional: Reflexões Sobre Transformações no Telejornal

Michele Negrini

Jornalista; mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do RS. Realizou estágio pós-doutoral no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, da UFBA. E-mail: mmnegrini@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0003-2999-0186

Silvana Copetti Dalmaso

Jornalista; mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Federal de Santa Maria; doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: silvana.dalmaso@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5097-0660

Resumo: No telejornalismo brasileiro, muitas mortes providas de tragédias fazem parte da pauta telejornalística, inclusive do Jornal Nacional. Extensas e detalhadas coberturas são realizadas no jornalismo televisivo quando os eventos envolvem mortes trágicas. Assim, este artigo tem como foco observar as ressignificações do subgênero telejornal, em coberturas de tragédias, levando em consideração que o telejornal é perpassado por transformações culturais e sociais. Para ilustrar, serão avaliadas as coberturas do incêndio do edifício Andorinha, da queda do avião da TAM e do incêndio da boate Kiss, que resultaram em grande número de mortes e geraram intensa comoção do público. O olhar teórico é guiado pela noção de gênero televisivo como categoria cultural (Mittell, 2001). A pesquisa tem caráter exploratório e observacional (Gil, 2008).

Palavras-chave: tragédias, mortes, telejornalismo, Jornal Nacional, gênero televisivo como categoria cultural.

Tragedias y Muertes en el Jornal Nacional: Reflexiones Sobre las Transformaciones en los Informativos Televisivos

Resumen: En el periodismo televisivo brasileño, muchas muertes resultantes de tragedias forman parte de la agenda de noticias televisivas, incluido la del Jornal Nacional. En el periodismo televisivo se realiza una amplia y detallada cobertura de los hechos cuando involucran muertes trágicas. Así, este artículo se centra en observar las resignificaciones del subgénero informativo televisivo en la cobertura de tragedias, teniendo en cuenta que el informativo televisivo está permeado por transformaciones culturales y sociales. Como casos ilustrativos se observarán la cobertura del incendio del edificio Andorinha, el accidente del avión de TAM y el incendio de la discoteca Kiss, que ocasionaron un gran número de muertos y generaron una intensa conmoción pública. La mirada teórica se guía por la noción de género televisivo como categoría cultural (Mittell, 2001). La investigación es de carácter exploratorio y observacional (Gil, 2008).

Palabras clave: tragedias, fallecidos, periodismo televisivo, Jornal Nacional, género televisivo como categoría cultural.

Tragedies and Deaths in Jornal Nacional: Reflections on Transformations in Television News

Abstract: Brazilian news broadcasting often features extensive and detailed coverage of events involving tragic deaths. Thus, this article focuses on examining how news broadcasting is reframed when covering tragedies, considering that this subgenre is permeated by cultural and social transformations. To illustrate, the text analyzes the news coverage afforded to the fire at the Andorinha building, the TAM airplane crash and the fire at the Kiss nightclub—events that resulted in many deaths and generated intense public commotion. Exploratory and observational (Gil, 2008), this research uses the notion of the genre television as a cultural category (Mittell, 2001) as its theoretical framework.

Keywords: tragedies, deaths, telejournalism, Jornal Nacional; television genre as a cultural category.

Fatos trágicos que resultam em mortes geralmente ganham ampla atenção e espaço na pauta jornalística. No telejornalismo, os acontecimentos trágicos, especialmente aqueles que resultam em grande número de mortes e geram intensa comoção social, são focos de detalhadas e extensas coberturas.

¹ Os resultados dos estudos já realizados foram submetidos para apreciação de periódicos científicos, mas ainda não foram publicados.

As coberturas, focos e abordagens do telejornalismo em casos de mortes têm recebido nossa atenção e interesse em outros estudos já desenvolvidos¹. Em pesquisas anteriores, observamos as transformações do Jornal Nacional (JN) em coberturas de feminicídio, quando estudamos as coberturas das mortes de Daniella Perez, Eloá Pimentel e Tatiane Spitzner. Pesquisamos as abordagens do telejornal na cobertura do falecimento de pessoas famosas, como do líder e vocalista da banda Queen, Freddie Mercury; do piloto de Fórmula 1 brasileiro, Ayrton Senna; do astro do pop, Michael Jackson; e da cantora brasileira Marília Mendonça. Também estudamos coberturas do JN de mortes no meio político, analisando as apresentações das mortes de Tancredo Neves e de Eduardo Campos. Neste artigo, a proposta é refletir sobre o tratamento jornalístico que o JN deu a grandes tragédias que marcaram a memória do telespectador brasileiro: o incêndio do Edifício Andorinha, a queda do avião da TAM e a tragédia da boate Kiss, ocorridos respectivamente em 1986, 2007 e 2013.

Para isso, serão observados imagens veiculadas e textos do apresentador e dos repórteres levando em consideração os contextos históricos e culturais em que foram produzidos. O objetivo é, a partir dos casos em estudo, identificar as ressignificações do subgênero telejornal no decorrer de um percurso, analisando elementos que se mantêm e elementos que são transformados. O alicerce teórico do presente estudo é a discussão de gênero televisivo com categoria cultural (Mittell, 2001). Justamente para observar os elementos culturais e históricos é que estes três casos, ocorridos em épocas diferentes, foram escolhidos. O distanciamento temporal entre eles permite uma visualização mais clara das transformações ou permanência dos elementos do subgênero telejornal.

Em relação ao trágico, Bill (2010, p. 1-2) assinala: “O trágico sempre foi motivo de emoções, choques, apreensão e também por isso críticas, dúvidas e análises, seja na vida real ou nas artes”. Martins e Azevedo (2009, p. 3) analisam a significação de tragédia e sua etimologia:

A etimologia da palavra tragédia denota aspectos, de certa forma, distantes das concepções contemporâneas. Se, hoje, tem-se por hábito atribuí-la a catástrofes que indicam padecimento e lástima, no seu surgimento, tragédia (τραγωιδία – τραγωιδέω) remetia, exclusivamente, a cultos mitológicos na Grécia Antiga. O termo surgiu na antiguidade grega, atrelada ao culto de adoração ao deus Dioniso.

Como Martins e Azevedo (2009) apontam, na seara contemporânea, tragédias estão imbricadas a sofrimento e catástrofe. Tais perspectivas adentram a existência da morte. Para Pinto (2019, p. 2), as tragédias fazem parte da existência humana: “No dito popular, a palavra ‘tragédia’ é compreendida como uma situação da vida real, portanto palpável, que aconteceu ou acontecerá trazendo como resultado um aspecto negativo da existência humana (mortes, acidentes e catástrofes)”. Acidentes e catástrofes incluem-se como valor-notícia do jornalismo. Desse modo, as tragédias e a morte delas resultantes são assuntos amplamente presentes na pauta do Jornal Nacional, e a amplitude da cobertura² irá depender do número de vítimas, da natureza da tragédia, entre outros fatores.

² Emerim e Brasil (2011, p. 4) definem cobertura em televisão: “recorrendo à experiência profissional e aos manuais de produção, pela acepção mais comum e tradicional da área televisiva, cobertura corresponde ao trabalho de reportagem a ser realizado no local de ocorrência de um fato a ser noticiado”.

Na concepção de Martins (2019), o jornalismo diário tem as tragédias como alimento. “Por tragédias, podemos entender tudo aquilo que irrompe a normalidade do cotidiano, e que causam algum impacto negativo na população” (Martins, 2019, s/p). A autora ainda salienta que se não ocorressem tragédias, as apresentações do jornalismo televisivo seriam bem mais brandas ou notícias sobre amenidades teriam mais espaços. Dentre as tragédias com grande número de mortes que tiveram espaço no Jornal Nacional, é pertinente convocar como exemplos a tragédia de Brumadinho (2019), a queda do avião da Air France no oceano Atlântico (2009),

o acidente com a aeronave do time da Chapecoense (2016), as chuvas e inundações em Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 2022, entre tantos outros acontecimentos.

Neste artigo, optou-se por observar a cobertura do JN do incêndio do edifício Andorinha (1986), da queda do avião da TAM (2007) e do incêndio da Boate Kiss (2013). Primeiramente, este estudo tece ponderações sobre o gênero televisivo telejornal, considerando que o material de observação provém do Jornal Nacional. Posteriormente, o artigo traz informações e contextos sobre as três tragédias selecionadas para mapear mudanças e permanências dos elementos de cobertura de um telejornal. Nesta parte, serão observadas as falas dos apresentadores e repórteres, as imagens e as posturas e opções editoriais. Por fim, nas considerações finais, sistematizam-se e interpretam-se essas mudanças, ressignificações e permanências dos elementos que caracterizam um telejornal a partir do que foi observado nas coberturas.

³ Apontamentos presentes neste tópico foram apresentados em outro artigo publicado pelas autoras, que apresentava outros objetivos. Esse artigo foi publicado nos anais do Congresso Intercom de 2021.

Ponderações sobre Gênero Televisivo³

Como estamos refletindo sobre as transformações e ressignificações do telejornalismo, especificamente do Jornal Nacional, ao fazer coberturas de mortes decorrentes de tragédias, ponderações sobre gênero televisivo são precípuas para dar bases ao desenvolvimento do processo analítico.

A convocação do pensamento de Mittel (2001) se faz fundamental quando ele assinala que um gênero tem variações no decorrer do processo histórico. O autor ainda aponta que mesmo que um gênero se mostre estável, em algum momento histórico-cultural, ele vai operar de forma distinta e ter variações. Através das ponderações de Mittel, cabe inferir que um gênero tem modificações embasadas em âmbito social, histórico e cultural; e que as mudanças nas sociedades refletem nos gêneros jornalísticos.

Silva (2010) enuncia, na linha de pensamento de Mittel, que o gênero pode ser visualizado como forma cultural sujeita a alterações de fundo histórico-cultural. No âmbito das discussões sobre o assunto, Negrini (2019, p. 234) traz ponderações de Gomes (2007):

No tocante à discussão sobre gênero, Gomes (2007) pondera que reconhece, juntamente com Raymond Williams, a existência de afinidades, em nível social e histórico, entre algumas formas culturais e as sociedades e os momentos históricos em que estas formas culturais têm efetivação. Em suas aferições, Gomes assinala que reconhece que o gênero se mostra como uma forma de situar a audiência televisiva no tocante a determinado programa, aos assuntos que são nele abordados e à forma como o programa destina os conteúdos ao público. O gênero dá respaldo para que ocorra a compreensão das regularidades e das especificidades que se mostram em produtos configurados historicamente.

Tomando como base o pensamento de Gomes (2007), cabe ressaltar o reconhecimento da existência de afinidades entre formas culturais e os momentos históricos e as sociedades em que elas são delineadas. Os pensamentos da autora são válidos para fazermos ponderações sobre transformações do Jornal Nacional no decorrer de seu processo histórico e para visualizarmos continuidades e rupturas em coberturas de mortes decorrentes de tragédias no espaço do telejornal. Além disso, Gomes (2007) dá argumentos para dizermos que a conformação de um telejornal tem amplas bases no momento em que ele se encontra. Não é possível dissociarmos um telejornal de todo o entorno que o circunda; ele é organizado com bases em questões sociais, históricas, culturais e tecnológicas.

Gomes (2011) aponta Jesus Martín-Barbero como um referencial quando o assunto é gênero, devido a ele “[...] pensar modelos comunicativos que abarquem a totalidade do processo, por sua concepção de gênero como estratégia de comunicabilidade e por considerar o caráter contingente e transitório do gênero e as distintas temporalidades que ele convoca” (GOMES, 2011, p. 113). Itania Gomes destaca que Martín-Barbero enxerga o gênero como uma categoria cultural, dando pistas sobre as relações entre comunicação, cultura, política e sociedade. Em relação ao gênero televisivo como categoria cultural, Negrini (2020, p. 27) aponta:

Na mesma linha de pensamento de Martín-Barbero, Mittell (2001), no texto *A Cultural Approach to Television Genre Theory*, argumenta que os gêneros são categorias culturais; e que vão além dos textos da mídia, operando no contexto da indústria, da audiência e das práticas culturais. Desta forma, não é só um programa de televisão o delimitador de seu gênero, mas são os discursos da produção e da recepção que vão situar um programa em um determinado gênero.

Mittell (2001) já ressaltava que a análise de um texto midiático é perpassada pelo processo cultural que o envolve. E Gutmann (2014) destaca que os gêneros funcionam em torno de um cenário de disputa, possuindo continuidades e rupturas.

Cabe salientar ainda o pensamento de Gomes (2007), que aponta que os programas telejornalísticos são uma variação específica na grade televisiva e compõem um gênero à parte. Eles são perpassados por normas do campo jornalístico e do campo televisivo. Gomes ainda destaca que telejornais, programas de entrevistas e documentários se mostram como variações do gênero e podem ser caracterizados como subgêneros. Para Gomes e Villas Boas (2015), a realização da análise de um produto televisivo a partir do conceito de gênero abarca conexões, em nível histórico, entre matrizes da cultura, formatos da indústria do audiovisual e lógicas do sistema produtivo.

Aqui, iremos adotar o telejornal como um subgênero do telejornalismo, conforme proposto por Itania Gomes (2007); os programas de entrevista e documentários seriam exemplos de outros subgêneros do jornalismo de televisão. As reflexões sobre gênero televisivo nos dão respaldo para pensarmos na constituição das formas de narrar mortes e tragédias no subgênero telejornal e, especificamente, no Jornal Nacional, olhando na direção das ressignificações do telejornal ao longo de sua trajetória.

Conforme já explicitado, neste artigo, vamos abordar três acontecimentos trágicos que ocorreram em momentos bem distintos do JN. A partir do entendimento de que o subgênero telejornal é perpassado por transformações culturais e sociais, pretende-se observar as ressignificações do JN nas coberturas jornalísticas dessas tragédias.

O Incêndio do Edifício Andorinha – a Captação do Aspecto Dramático

Um caso que marcou o Brasil foi o incêndio do edifício Andorinha, construído em 1934, localizado na cidade do Rio de Janeiro. O edifício foi destruído pelo fogo no dia 17 de fevereiro de 1986. De acordo com Carneiro (2016), o incêndio parou o centro do Rio de Janeiro e deixou 23 pessoas mortas e mais de 40 feridas. Ele destaca que, entre os mortos, 15 foram a óbito ao tentarem alcançar o telhado do prédio e encontrarem a porta de acesso fechada. O fogo teve início no nono andar do prédio e foi motivado pelo mau contato de uma tomada, gerando aquecimento do rodapé e do carpete.

Carneiro (2016) conta que cenas de pessoas se jogando do prédio foram levadas ao ar, ao vivo, por programas de jornalismo televisivo. Neste estudo, observamos partes de uma edição do JN que foi localizada no YouTube. No material telejornalístico, encontramos uma reportagem sobre o incêndio, a qual é introduzida por uma cabeça⁴ de Cid Moreira. Não encontramos a data certa de que a reportagem foi ao ar, mas, pelas informações contidas e pelo pacto de atualidade que o JN tem com os espectadores, é pertinente acreditar que ela foi ao ar no dia do incêndio. Ao introduzir a reportagem, o então apresentador Cid Moreira destaca: “A tragédia no Edifício Andorinhas do centro do Rio. As imagens que nós vamos mostrar agora são muito fortes. Recomendamos tirar da sala as crianças e as pessoas que se impressionam”. A construção textual da fala de Cid Moreira, ao dizer que as imagens são fortes, demarca um olhar acerca da morte como algo que gera comoção e que pode abalar os espectadores, além de demonstrar uma inscrição textual que não é mais comum na cultura do telejornalismo atual. As palavras do apresentador evidenciam que o chocante não fazia parte do horizonte do público infantil

⁴ Introdução feita pelo apresentador de um telejornal à matéria que será apresentada na sequência.

naquele momento, demonstrando que a constituição do subgênero telejornal na época tinha uma postura mais “leve” em relação às demonstrações da finitude humana. Neste contexto, cabe resgatar as ideias de Hall (2016) de que, em culturas distintas, significados diversos podem ser impregnados a qualquer tema. Naquele momento do JN, a construção discursiva fez alusão às práticas culturais da época acerca do fim da vida.

Vale lembrar que as visões sobre morte no Brasil são diversas; Koury (2003) apresenta a ideia de que, nas décadas de 1970 e 1980, dá-se ênfase à individualização nas relações diante do fim da vida. É evidente que a visão de Koury é voltada a um olhar para um Brasil mais urbano, mas pode ser verificada para dar bases à fala de Cid Moreira de que as imagens são fortes e que as crianças devem ser retiradas da sala. Na medida em que Moreira fala que as imagens são fortes, ele dá significado à morte trágica como não sendo um tema que possa ser bem aceito por todos os públicos, casando com a lógica de uma visão menos coletiva sobre a morte.

A postura do JN diante da morte, observada nas palavras de Cid Moreira, remete a uma lógica relacionada a outro tempo histórico do telejornal e a outro momento histórico e cultural da sociedade brasileira. Naquele contexto, a visão sobre a preservação das crianças diante da morte é assinalada nas palavras do apresentador. E na medida em que ele menciona que as imagens que serão apresentadas são muito fortes, ele demarca que a sociedade brasileira, de forma geral, naquele momento, tinha uma relação com a morte na TV diferente da de hoje, que é demarcada pelo escancaramento, pela explicitação, nos meios de comunicação e nas redes sociais. Ribeiro (2015) assinala que, com as redes sociais, é constituída uma nova formalização da morte, o que ocasiona formas distintas de percepção e de vivência do fim da vida.

O apresentador ainda enfatiza: “A cidade do Rio parou e sofreu com a tragédia”. Nestas palavras, a morte trágica como um ponto que evoca sofrimentos é demarcada. E a visão da morte como um assunto que causa comoção social se sobressai. A reportagem introduzida pela cabeça feita por Cid Moreira teve uma lógica de narração do drama vivido pelos moradores do prédio incendiado e pelas pessoas que presenciaram o fato. Os cinegrafistas captaram imagens próximas dos feridos no incêndio. Depoimentos de pessoas demonstrando pânico com a situação foram convocados. A narração da repórter tem um ritmo bastante acelerado, demonstrando apreensão por parte dela e uma matriz no jornalismo policial. Ainda, mostraram-se imagens de pessoas se jogando do prédio em chamas. A repórter narrou:

Nos últimos andares, o desespero das pessoas que estavam esperando o socorro dos bombeiros. O mais dramático foi quando duas pessoas se jogaram lá de cima. São imagens terríveis. Mas os nossos repórteres Flávio Capitoni e Tamara Leftel viram e narraram com emoção e dor.

Não é comum no JN, na atualidade, a demonstração de imagens de corpos caindo de prédios de ou corpos mortos. A apresentação de pessoas se jogando do prédio em chamas, mesmo que tenha se dado em outro momento histórico e cultural do JN, remete ao jornalismo policial e a programas de cunho mais voltado ao sensacionalismo e ao espetáculo, como foi o caso do programa *Aqui Agora* veiculado pelo canal SBT entre 1991 e 1997.

Mostrar um corpo caindo de um prédio (Figura 1) é adentrar em uma seara que vai além dos princípios do telejornal de referência. Nesse âmbito, em relação à constituição do subgênero telejornal, é possível falarmos que estamos diante de uma disputa entre lógicas do telejornalismo e da constituição da espetacularização midiática. A apresentação de tal cena demonstra que o pacto acerca do papel do jornalismo realizado pelo Jornal Nacional naquele momento é o de remeter a uma lógica que vai além da transmissão do que pode contribuir com o cotidiano da sociedade.

⁵ Martins, Negrini e Piccinin (2021) assinalam que formas hegemônicas de conformar narrativas telejornalísticas são permeadas pela intersecção entre itens como *off*, sonora e passagem do repórter. As autoras apontam elementos que são bases quando se fala na constituição de reportagens telejornalísticas. Acerca da redação e da gravação de offs e passagens e da realização de entrevistas, a observação de princípios básicos do jornalismo, como objetividade, tem relevância e precisa ser levada em consideração. Na concepção de Traquina (2004), falar em objetividade, no jornalismo, não é negar a subjetividade, mas é recorrer a uma série de procedimentos utilizados pelos membros da comunidade jornalística para assegurar sua credibilidade. A objetividade jornalística pode estar relacionada à pluralidade de versões na cobertura de um fato. Para Melo (2006), o jornalista, quando assume o papel de um agente social, ocupa a função de mediador entre os fatos, o interesse público e a cidadania. “Todo o acontecimento envolve múltiplas variáveis, distintas motivações: é necessário desvendá-lo completamente, mostrando ao cidadão sua fisionomia integral” (Melo, 2006, p. 49). Ainda se destaca que, ao realizar uma reportagem telejornalística, cabe ao repórter a observação de alguns parâmetros, como apresentação de texto verbal e texto imagético encadeados; gravação de ritmo de offs e de passagens de forma a manter a reportagem com ritmo que possa ser “adequado” aos parâmetros editoriais do telejornal ao qual a reportagem será levada ao ar, entre outros. Desse modo, quando o presente estudo cita a expressão “jornalismo de referência” entende-se que se trata de um jornalismo que prima pela objetividade, pela qualidade da informação, pela correta apuração e pelo respeito ao telespectador, condutas estas que deveriam ser seguidas por profissionais e empresas.



Figura 1: Imagem de pessoa saltando do Andorinha em chamas
Nota. TVGenerica (2007) / Reprodução

A repórter, ao tentar entrevistar uma pessoa que havia saído do edifício em chamas e estava com roupas rasgadas (Figura 2), faz uma pergunta que remete ao caráter dramático no contexto de uma tragédia. Ela questiona: “Ele pulou?” O bombeiro respondeu: “Não pulou, nós arrombamos”. E o sobrevivente acrescenta: “Eu pulei de um prédio ao outro”. A postura da repórter pode ser identificada em coberturas atuais a eventos trágicos e pode até ser vista como uma forma que deixa resíduos na atualidade. Nas coberturas de hoje, é bastante visível a entrevista com pessoas enlutadas ou acidentadas, como ocorreu na tragédia com o avião da TAM.



Figura 2: Imagem de sobrevivente de incêndio do Andorinha, com roupas degradadas, sendo questionado por repórter
Nota. TVGenerica (2007) / Reprodução

Na imagem acima, há uma exposição do homem que está sendo entrevistado com roupas rasgadas. Os sentimentos dessa pessoa diante de uma tragédia são escancarados na televisão, o que não acrescenta informações de cunho jornalístico ao público, voltando-se mais a mostrar os dramas da vida humana diante de uma situação de caos. Na continuação da cobertura, a repórter enfatiza, falando de forma acelerada, o processo de socorro a uma moça, destacando que ela recebe respiração boca a boca, em uma tentativa de reanimação. Não faz parte das normativas do telejornalismo hegemônico televisivo uma repórter se apresentar falando de forma tão acelerada. Neste momento, podemos visualizar disputas entre os princípios do jornalismo de referência⁵ e a espetacularização.

O Acidente com o Voo da TAM em Congonhas – Repercussão, Emoção e Memória

Quando se abordam tragédias, aquelas relacionadas à aviação ocupam importante lugar na memória televisiva dos brasileiros, pois tivemos diversos exemplos no Brasil: no ano de 2006, uma tragédia com avião da companhia Gol; em 2007, a queda de avião da empresa TAM; em 2009, um acidente com voo da companhia

francesa Air France – além da queda do avião da empresa boliviana LaMia, com o time de futebol no Chapecoense, em 2016.

⁶ O acidente com o Airbus da TAM ocorreu no dia 17 de julho de 2007. Ao pousar no aeroporto de Congonhas (São Paulo), a aeronave atravessou a Avenida Washington Luís e colidiu contra um prédio da TAM Express. Com a explosão gerada, 199 pessoas morreram.

No caso do acidente com o voo 3054 da TAM⁶, a morte acidental ganha proporções de acontecimento jornalístico e tem destacado espaço na programação dos principais veículos de comunicação do país. Cabe lembrar que a morte é um importante valor-notícia no jornalismo (Traquina, 2005), especialmente se relacionada a acidentes. O Jornal Nacional, diante dessa tragédia de grandes proporções, enviou o apresentador William Bonner para ancorar o telejornal diretamente de Congonhas. Possíveis explicações para o caso foram dadas, os sentimentos dos familiares das vítimas foram explorados, testemunhas tiveram espaço para demonstrar sua visão sobre o caso – enfim, a morte tornou-se um acontecimento jornalístico digno de grande repercussão.

O ato de Bonner de apresentar o telejornal diretamente do local da tragédia, no dia seguinte, em 18 de julho, demarca opções da emissora por dar grande ênfase ao acontecimento. Não é comum ou frequente que o apresentador deixe a bancada do telejornal; tal postura só foi verificada em alguns casos significativos e de grande repercussão. A bancada é um elemento que pode ser visto como hegemônico no percurso do Jornal Nacional. Na cobertura do acidente deste dia, o JN abordou aspectos como a repercussão do acidente; o resgate dos corpos das vítimas; a tristeza e a aflição dos familiares, além de tentativas de explicação do ocorrido e análises sobre as condições da pista do aeroporto de Congonhas. Quando damos evidência ao fato de a tragédia se sobressair ao restante da pauta social do dia, verificamos o posicionamento do JN em dar ampla significação à tragédia e à morte, reduzindo o espaço a outros temas, ou mesmo silenciando alguns fatos – cabe lembrar que o acidente da TAM ocorreu durante a realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007, que estavam sendo realizados no Rio de Janeiro. Ao abordar os jogos, o telejornal enfatiza o luto e a comoção entre os atletas, como se ouviu nas palavras do repórter Tino Marcos: “A tragédia abala a festa do esporte em cada canto do Pan”.

O destaque à grande dimensão do acidente é visível na edição do dia 18 de julho. Foi reiterada a condição de maior desastre da aviação brasileira e o texto do telejornal foi deixando claro que a morte era o resultado efetivo de tamanha tragédia. O apresentador William Bonner enunciou: “O avião da TAM, destruído no maior desastre da aviação brasileira, tinha 186 pessoas a bordo, e os bombeiros ainda tentam retirar corpos do prédio em que ele bateu antes de explodir”. E acrescentou: “Dezenas de edifícios circundam o Aeroporto de Congonhas. Atrás deles está o cenário do desastre. Nos escombros fumegantes do prédio da TAM Express, atingido pelo Airbus da empresa, ainda há fogo e corpos de vítimas da tragédia”.

As falas do apresentador demarcam a opção da Globo por evidenciar as terríveis consequências do acidente. Um acidente trágico gera comoção nas pessoas. As emoções dos parentes das vítimas e da sociedade foram esmiuçadas no decorrer do JN de 18 de julho de 2007. A espetacularização (Debord, 1997) pode ser observada quando choros, gritos e lamentos foram misturados frentes às câmeras e levados aos espectadores.

Na chamada de um bloco para outro, Bonner aponta que a lista dos nomes das vítimas do acidente pode ser encontrada na página do Jornal Nacional na internet. Neste momento, a evolução tecnológica e a convergência midiática (Jenkins, 2009) podem ser verificadas. Além disso, a cobertura se utiliza de recursos gráficos para explicar determinados pontos do acidente. O uso de tais recursos pelo JN só são possíveis porque o momento social, histórico e tecnológico permite que isso aconteça, diferente do caso do edifício Andorinha, ocorrido muitos anos antes, em outro contexto sócio-histórico.

A cobertura continua em outro bloco do JN com a seguinte chamada do apresentador: “Daqui a pouco! A crise no setor aéreo brasileiro! A preocupação de quem mora ao lado do aeroporto de Congonhas! E a dor de parente das vítimas da maior tragédia da aviação brasileira!”, dando destaque à evidenciação das emoções dos enlutados.



Figura 3: Imagem mostrada na chamada de um bloco para outro do JN em reflexão
Nota. Bruno Clube do VHS (2007) / Reprodução.

A imagem (Figura 3) que explora o desespero de uma pessoa que perdeu alguém no acidente é mostrada sob a narração de Bonner. E o som de choros e gritos é casado às imagens e às palavras do apresentador. Neste caso, em relação à constituição do subgênero telejornal, há uma disputa entre os princípios do telejornalismo de referência e as demonstrações de sofrimentos diante da perda de um ente querido. O telejornal vai além das práticas consideradas hegemônicas no telejornalismo de referência, que são embasadas nas lógicas de transmissão de informação de forma mais objetiva, e adentra o campo da evidenciação de emoções. Da mesma forma que são evidenciados os elementos que são usados na constituição de textos de telejornalismo, os sentimentos e a comoção diante da perda entram em disputa de sentidos.

Em reportagem de Rosane Marchetti, o desespero de pessoas que procuravam por notícias sobre possíveis vítimas ganha destaque no espaço telejornalístico. “Pelo amor de Deus, cara! Informação! É só o que a gente precisa, cara!”, dizia um homem com voz bastante alterada. Uma senhora demonstrando estar abatida é interrogada por Rosane: “Quantas horas a senhora está esperando?”. A mulher responde: “Acho que é seis horas [...]”. A repórter segue: “Quem a senhora tem no avião?”. A mulher responde: “A minha filha grávida [...]”. A mulher começa a chorar e um senhor pede licença à repórter. A cena narrada remete a um quadro que perpassa a postura considerada hegemônica em um telejornal de referência e da constituição do subgênero telejornal, que deveria focar na construção de relatos objetivos, evidenciando uma disputa discursiva entre jornalismo e marcas da espetacularização. O telejornal busca os sentimentos mais íntimos diante da morte e esmiúça para o público, criando um grande espetáculo. Tal postura do JN deixa herança em outras coberturas contemporâneas. A demonstração dos sentimentos de pessoas que acabaram de perder alguém próximo tem sido visualizada no percurso histórico do JN.

William Bonner, no decorrer da cobertura, dá destaque ao fato de que recentemente o Brasil havia passado por outro acidente, que foi a queda de um avião da empresa Gol, em 2006, que vitimou 154 pessoas. A repórter Cristina Serra faz matéria dando informações sobre o acidente da Gol e “refrescando a memória” dos brasileiros em relação a acidentes aéreos e em relação a problemas da aviação aérea brasileira. A perspectiva de recuperação de tragédias anteriores também vai ocorrer em épocas mais atuais do telejornal, nas coberturas do incêndio da boate Kiss (2013) e da queda do avião que levava o time da Chapecoense (2016).

O JN também evidenciou a repercussão da tragédia pelo mundo. E mencionou a mensagem do papa da época e a repercussão da imprensa internacional sobre o caso. A observação da repercussão de tragédias no mundo é uma postura comum, que pode ser verificada em outras tragédias mais recentes.

A tentativa de dar uma explicação para o caso foi um dos focos do JN em estudo. Especulações acerca da probabilidade de falha humana, problemas com a pista ou negligência das autoridades foram levadas ao ar. O apresentador evidenciou:

“Em um acidente desta gravidade, a solidariedade com parentes de vítimas dividiu os sentimentos dos brasileiros com a perplexidade e o medo. As causas do desastre ainda são um mistério e as hipóteses são muitas”. A lógica de explicação dos motivos de um acidente com tantas mortes também é um aspecto que deixa marcas em coberturas mais atuais.

O Incêndio da Boate Kiss – o Telejornal Como Espaço para o Choro da Morte

Outra tragédia que marcou o país ocorreu no estado do Rio Grande do Sul. Na madrugada do dia 27 de janeiro de 2013, em Santa Maria, centenas de jovens participavam de uma festa na boate Kiss. No evento, ocorreu um incêndio de grandes proporções, causado por um sinalizador luminoso disparado no local. O incêndio causou a morte de 242 pessoas. Em razão de o sinalizador não ser adequado para uso em ambientes internos, ao atingir o teto, o fogo proveniente do objeto se espalhou rapidamente. Como a casa noturna tinha apenas uma saída, o público teve dificuldade para deixar o local. Muitos morreram asfixiados pela fumaça tóxica liberada pela queima da espuma do isolamento acústico, outros foram pisoteados e mais de 600 pessoas ficaram feridas.

A tragédia da boate Kiss gerou grande comoção na cidade de Santa Maria e repercutiu no mundo todo. Pautou o cenário midiático nacional e internacional por vários dias. Na cobertura telejornalística, os principais telejornais do país fizeram reconstituições dos acontecimentos ocorridos naquela madrugada. Em relação ao Jornal Nacional, o site Memória Globo (“Incêndio da Boate Kiss”, 2021), ao falar da cobertura da tragédia, destaca que as reportagens de José Roberto Burnier, Guacira Merlin, Cesar Menezes, Patrícia Cavalheiro e Kiria Meurer deram espaço para que os sobreviventes falassem, fizeram um acompanhamento do estado de saúde dos feridos nos hospitais, cobriram os enterros das vítimas e acompanharam as investigações policiais, atentando para os primeiros olhares sobre as causas do incêndio.

Para este estudo, foram observadas as edições do telejornal do dia 28 e do dia 29 de janeiro de 2013. No dia 28, William Bonner foi até o município de Santa Maria e apresentou o telejornal, ao vivo, em frente ao local do incêndio. Entre os assuntos abordados no dia, destacam-se: a falta de portas de emergências na boate Kiss; a comoção gerada na cidade de Santa Maria; um resgate de tragédias em casas de festas ocorridas em outros países, como China, Rússia e Argentina; o estado de saúde dos sobreviventes; e a repercussão internacional da tragédia.

A presença de Bonner em Santa Maria (Figura 4), como ocorreu no caso da tragédia com o avião da TAM, remete a uma postura do telejornal de dar amplo destaque à ocorrência, de estar fisicamente perto da notícia, no local dos fatos, e de demarcar em seu contexto histórico tal cobertura.



Figura 4: Bonner em frente à boate Kiss

Nota. Edição de Notícias (2023) / Reprodução

Na edição do dia 29 de janeiro, a tragédia também teve destaque na pauta do telejornal. Cabe ressaltar alguns pontos do ocorrido que fizeram parte do programa: o aumento no número de mortos na tragédia; as homenagens feitas,

nas ruas de Santa Maria, aos que vieram a óbito; a necessidade dos sobreviventes de transplante de pele; e o sofrimento de um pai que perdeu um filho em tragédia semelhante, na cidade de West Warwick, nos Estados Unidos.

Nas edições verificadas, os recursos tecnológicos foram utilizados para ilustrar pontos da tragédia. Na reportagem sobre a falta de saídas de emergência na boate, veiculada no dia 28, a apresentação de uma simulação do incêndio foi realizada em um espaço de nove metros quadrados, que foi montado pela produção do telejornal para representar o interior de uma casa noturna, com o mesmo revestimento usado na Kiss para isolamento acústico. Outro recurso tecnológico utilizado para simulação foi uma maquete virtual, por meio da qual foi demonstrada a dificuldade que os jovens tiveram de deixar o local que tinha apenas uma saída. Neste contexto, há uma demarcação de que o fato ocorreu em um momento em que a tecnologia, já bastante desenvolvida, permite a elaboração de discursos com avançados recursos imagéticos. No incêndio do Andorinha, por exemplo, tais recursos não estavam disponíveis. No caso do voo da TAM, a tecnologia foi utilizada, mas não de forma tão intensa e avançada.

Em reportagem sobre os enterros ocorridos na cidade de Santa Maria, apresentada no dia 28, a emoção das pessoas foi destacada. Foram veiculados depoimentos de conteúdo muito triste e comovente, e a história dos que faleceram teve amplo espaço. O repórter enfatiza a perspectiva do sonho destruído de forma precoce. A reportagem remete à preservação da lembrança sobre os falecidos, demarcando a data do dia 27 de janeiro como um dia que jamais será esquecido e que ficará na memória da cidade de Santa Maria.

Em relação a questões estéticas, o uso de planos mais próximos ficou evidente no decorrer das edições analisadas. Imagens de arquivo também foram utilizadas. E, em relação às fontes, cabe mencionar que foram convocados alguns especialistas em assunto importantes para explicar pontos específicos da tragédia, como segurança pública. Além dos especialistas ouvidos, também foram acionadas falas de pessoas ligadas às famílias das vítimas, de amigos e de moradores de Santa Maria (geralmente emocionados).

O telejornal destacou, no dia 28, a acolhida e união da população santa-mariense para auxiliar e ajudar, da melhor forma, as famílias dos feridos. Também foi enfatizado o trabalho das pessoas que vieram de fora da cidade para prestar assistência às famílias. Na cobertura do JN sobre a comoção gerada no município e a solidariedade de Santa Maria com as vítimas, foram muito ressaltados a dor, o choro, a perplexidade e a tristeza da população; a cobertura deu espaço destacado às emoções.

Ao fazer um resgate de tragédias ocorridas em outros países, como na China, na Rússia e na Argentina, o Jornal Nacional do dia 28 traz à memória do público outras tragédias semelhantes envolvendo a morte em massa de pessoas jovens em casas de festas. Na reportagem do JN sobre essas tragédias, foi enfatizado o caso da boate Cromañón, da Argentina, que, em 2004, pegou fogo e vitimou 197 pessoas. Foi dado destaque ao relato emocionado de uma mãe argentina que perdeu o filho naquele incêndio. A emoção prevaleceu nesta reportagem, que foi marcada por traços de espetacularização. O telejornal também trouxe à lembrança do público a tragédia na boate de West Warwick, nos Estados Unidos, em fevereiro de 2003, a qual vitimou cem jovens. Neste caso também a dor de parentes de sobreviventes foi retratada e a narrativa foi conduzida de forma a evocar recursos da espetacularização midiática, demonstrando disputa entre características hegemônicas do subgênero telejornal e lógicas que remetem ao caráter emotivo e espetacular acerca da morte.

Na reportagem sobre a homenagem feita aos mortos, levada ao ar no dia 29, os sentimentos dos que perderam parentes e amigos ganham ênfase; o choro dos entrevistados é captado em planos próximos; e o derramar de lágrimas (enfocando o sofrimento dos que perderam uma pessoa querida) é mostrado em muitos momentos. A utilização de planos mais fechados nas abordagens telejornalísticas ligadas à morte tem sido vista de forma frequente em coberturas mais atuais.

As homenagens aos mortos (com exibição de fotos, flores e bilhetes com mensagens) acionam o viés de preservação do nome dos que morreram e de eternização de tais nomes no contexto da sociedade de Santa Maria (Figura 5).



Figura 5: Homenagem aos mortos em frente ao prédio da boate Kiss
Nota. Edição de Notícias (2023) / Reprodução.

Com a observação de duas edições do JN na cobertura da tragédia da Kiss, cabe demarcar que as reportagens apresentadas tiveram um foco nas emoções dos que estavam diante da perda e que a preservação do nome dos mortos foi constantemente reafirmada. Nesta cobertura, como ocorreu em casos anteriores, o telejornal pode ser considerado como um espaço para o choro da morte. Esta abordagem mais emocional da cobertura acaba por tensionar a constituição do subgênero telejornal, tão ligado à objetividade das imagens.

Discussão e Considerações Finais

Edifício Andorinha, voo da Tam e boate Kiss: três tragédias que ocorreram em momentos distintos e que marcaram o telejornalismo. Ainda que cronologicamente distantes, podem ser demarcadas algumas continuidades – traços do gênero telejornal que transcendem os momentos históricos que localizam tais eventos –, tais como o destaque à comoção humana, a exacerbação das emoções, o apelo ao aspecto emocional. Importante observar que este aspecto, que se aproxima das dinâmicas da sociedade do espetáculo de Debord (1997), conflita com outras lógicas da constituição do telejornal como a objetividade na narração dos fatos. Os elementos visuais e textuais do discurso, ligados ao dramático, à emoção, à comoção, ou ao choro, estão presentes nas coberturas telejornalísticas das três tragédias, pois os três acontecimentos são imprevisíveis, repentinos, impactantes e chocantes em razão do número de vítimas fatais.

Na cobertura do incêndio do Edifício Andorinha, em 1986, o apresentador enuncia, antes da reportagem, que haverá imagens fortes e que é recomendável que crianças e pessoas sensíveis não assistam. O aviso de imagens fortes ainda permanece no telejornalismo, mas a recomendação relacionada às crianças não existe mais. Quando a cobertura foca no pânico das pessoas, mostrando inclusive algumas se atirando do prédio em chamas, ela se direciona a um jornalismo policial, sensacionalista, voltado ao espetáculo. Elementos narrativos como estes acabam por ser irrelevantes e mesmo desnecessários ao entendimento das notícias por parte do público. Desse modo, pode-se perceber as influências do momento histórico, social e cultural em que o telejornal está inscrito. Nesta direção, ressalta-se a existência de afinidades entre as formas culturais – neste caso, o telejornal – e a sociedade em que esta forma está inserida (Gomes, 2007).

Nas tragédias do voo da TAM, em 2007, e da boate Kiss, em 2013, os elementos narrativos do campo do espetáculo, a excessiva exposição das emoções das pessoas também estão presentes nas reportagens. As homenagens às vítimas, a dor dos familiares, o choro de tristeza e o desespero são destacados nas coberturas, produzindo efeitos de sentido ligados à comoção, ao choque, à incredulidade

diante das mortes. No caso da Kiss, os planos fechados nos prantos e nos rostos sofridos de familiares evidenciam ainda mais o aspecto emocional da cobertura.

Um traço em comum nas coberturas destas tragédias é sua contextualização por meio da evocação memorialística de outros acontecimentos semelhantes. Particularmente nos casos do voo da TAM e da boate Kiss, o JN resgata a memória de outros acidentes aéreos, outros incêndios em boates. Esta evocação de tragédias semelhantes faz parte do fazer jornalístico, constituindo-se como um traço hegemônico do gênero televisivo telejornal, especialmente quando os acontecimentos são tragédias com grande número de vítimas.

A busca por explicações dos acontecimentos é outra importante continuidade que caracteriza as coberturas das três tragédias pelo JN. Especialistas são entrevistados para cumprir o objetivo da cobertura de explicar os acontecimentos, apontar as causas, enfim, dar um sentido a fatos tão tristes e que geram tanta perplexidade. Desse modo, o espaço a fontes especializadas se constitui como um traço hegemônico do gênero telejornal.

Os recursos tecnológicos usados nas coberturas do JN das tragédias são índices do momento histórico-cultural em que o telejornal está inserido. A cobertura da queda do voo da TAM, em 2007, e do incêndio da boate Kiss, em 2013, naturalmente contaram com mais recursos narrativos do que o acompanhamento telejornalístico do incêndio do Andorinha. Em 2007, o site do JN já era enunciado pelos apresentadores como um local em que o público encontraria os nomes de todas as vítimas do voo da TAM. Além disso, a computação gráfica também permitiu a exibição da simulação do acidente. No incêndio da boate Kiss, a cobertura usou simulações e maquete virtual da boate, reproduzindo com realismo o espaço da boate e os elementos causadores da tragédia. Tais recursos não estavam disponíveis em 1986. É pertinente lembrar que os gêneros – como o televisivo – são categorias culturais que vão além da mídia, operando no contexto da indústria, da audiência e das práticas culturais (MITTEL, 2001).

Nosso objetivo foi tecer reflexões sobre a abordagem jornalística do JN a tragédias, tendo como referência as coberturas dos incêndios do edifício Andorinha e da boate Kiss e da queda do avião da Tam, acontecimentos trágicos que marcaram a memória social e televisiva. O mapeamento dos elementos narrativos das coberturas do Jornal Nacional nos permitiu fazer comparações e observações entre as coberturas, identificando aspectos hegemônicos do gênero televisivo telejornal e ressaltando o caráter transitório do gênero, que pode variar conforme o momento histórico, cultural, social e tecnológico em que está circunscrito (Gomes, 2007, 2011).

Referências

Bill, B. G. (2010). *Catarse midiática: a tragédia no jornalismo pós-moderno*. <https://bit.ly/3zkNiTN>

Bruno Clube do VHS (2007). *JN - Cobertura do Acidente da TAM 3054 - Parte 01/03*. [Vídeo]. YouTube. <https://bit.ly/3ocwfRd>

Carneiro, P. L. (2016). Incêndio no Edifício Andorinha parou o Centro do Rio e deixou 23 mortos. *Acervo O Globo*. <http://glo.bo/3nBF4E4>

Debord, G. (1997). *A Sociedade do Espetáculo*. Contraponto.

Edição de Notícias (2023). *INCÊNDIO NA BOATE KISS - Íntegra do Jornal Nacional, Globo (28/01/2013)*. [Vídeo]. YouTube. <https://bit.ly/3UyI0ij>

Emerim, C., & Brasil, A. (2011). *Cobertura em Telejornalismo*. [Apresentação de trabalho]. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação INTERCOM, Recife.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.

- Gomes, I. (2007). Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. *E-Compós*, 8, 1-31.
- Gomes, I. M. M. (2011) Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero. *Famecos*, 18(1), 111-130.
- Gomes, I. M. M., & Vilas Bôas, V. (2015). "Ai, que infortúnio!" Disputas de gênero em um produto da indústria pop. In S. P. de Sá; R. Carreiro; R. Ferraraz (Orgs.). *Cultura Pop*. (1 ed., v. 1, pp. 109-129). EDUFBA; Compós.
- Gutmann, J. F. (2014). Quando ruptura é convenção: o programa Gordo a Go-Go como espaço de experiência do talk show. *Contracampo*, 31(1), 60-78.
- Hall, S. (2016). *Cultura e representação*. Editora PUC-Rio; Apicuri.
- Incêndio da Boate Kiss. (2021) *Memória Globo*. <http://glo.bo/3KVN9fY>
- Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência*. Aleph.
- Koury, M. G. P. (2003). *Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto*. Vozes.
- Martins, M. O., & Azevedo, A. C. (2009). A perda da essência trágica na cobertura jornalística da queda do voo AF 447. [Apresentação de trabalho]. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba.
- Martins, M. (2019). A exploração exacerbada da tragédia no jornalismo televisivo. *Escotilha*. <https://bit.ly/3nqanBx>
- Martins, M., Negrini, M., & Piccinin, F. (2021). As histórias reais da reportagem: modos de endereçamento e as estratégias do telejornal. *Lumina*, 15(3), 202-219. <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2021.v15.21556>
- Melo, J. M. (2006). *Teorias do jornalismo: identidades brasileiras*. Paulus.
- Mittell, J. (2001). A cultural approach to television genre theory. *Cinema Journal*, 40(3), 3-24.
- Negrini, M. (2019). Diversas temporalidades nos discursos televisivos sobre a morte: aferições sobre a tragédia da Chapecoense no Jornal Nacional. *Contemporanea: comunicação e cultura*, 17, 229-249.
- Negrini, M. (2020). *A morte no telejornalismo: as relações de temporalidade e cultura nos discursos do Jornal Nacional*. (1. ed., v. 1.). Insular.
- Pinto, T. M. (2019). *A tragédia no jornalismo: uma análise das escaladas do Jornal Nacional sobre Brumadinho (MG), Suzano (SP) e o incêndio no CT do Flamengo*. [Apresentação de trabalho]. XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Vitória.
- Ribeiro, R. R. (2015). *A morte midiaticizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida*. Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Silva, F. M. (2010). *A conversação como estratégia de construção de programas jornalísticos televisivos*. [Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea, Universidade Federal da Bahia]. Repositório institucional da UFBA. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/5121>
- Traquina, N. (2004). *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Insular.
- Traquina, N. (2005). *Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Insular.
- TVGenerica (2007). *Incêndio no Edifício Andorinhas Jornal Nacional 1986*. [Vídeo]. YouTube. <https://bit.ly/2Isjtdt>